
Trechos principais de críticas recebidas, seguidos dos recortes de onde foram extraídos.

“A Companhia do Feijão vem criando trabalhos que estão entre os mais importantes na cena paulistana dos últimos anos”

Kil Abreu / Bravo!

“Do cordão umbilical à corda no pescoço, a talentosa Companhia do Feijão fabula a tragédia brasileira”

Valmir Santos / Folha de S.Paulo

“[A Companhia do Feijão em poucos anos] adquiriu prestígio e cativou espectadores. ... [Nonada é] inovação melancólica, quase desesperada, da trivialidade do sofrimento.”

Mariangela Alves de Lima / O Estado de S.Paulo

“Tomando o ângulo do Zé-Ninguém, o espetáculo recaptura de forma sintética um pedaço importante da literatura brasileira. Inventava uma maneira de representar tanto o Zé-Ninguém quanto o desconcerto moral da classe mais abonada.”

Roberto Scharwz / Folha de S.Paulo

“A Companhia do Feijão religa o fio das narrativas que brotam do limite entre a vida e a morte e leva a um curto-circuito de classes. Contrapõe à figuração da vida dos despossuídos uma análise ferina da esfera patronal, implicando uma coisa à outra, o paradigma do patrão Brás Cubas e, no outro pólo, o filho Natimorto da escrava fugida.”

José Antônio Pasta Jr. / Folha de S.Paulo

“Um dos maiores méritos de Nonada é seu poder de síntese. ... [A Companhia do Feijão conseguiu] fazer o que o teatro brasileiro vem procurando e experimentando desde o Arena.”

Iná Camargo Costa / Internet

ILUSTRADA ESCOLHE

'Nonada' revela alma brasileira

Intelectuais como Roberto Schwarz e José Antônio Pasta falam à Folha sobre peça da Cia. do Feijão

Lenise Pinheiro/Folha Imagem

Montagem tem temporada prorrogada até dezembro; para pensadores, peça evidencia vivências de povo que "se vira como pode"

VALMIR SANTOS
DA REPORTAGEM LOCAL

"O que resta é a memória da gente", diz o taxista ao final de "Mire Veja" (2003), premiada adaptação teatral de contos de Luiz Ruffato pela Cia. do Feijão. Na nova peça do grupo, "Nonada", cuja temporada é prorrogada até dezembro na recém-inaugurada sede da companhia no centro, a memória atinge dimensão coletiva e diz respeito à "alma brasileira".

Pelo menos é dessa maneira que alguns pensadores lêem mais essa aliança "unha e carne" do teatro com a literatura, eixo dos oito anos de trabalho da Cia. do Feijão.

Pensadores como Iná Camargo Costa, José Antonio Pasta Jr., Paulo Arantes e Roberto Schwarz foram alguns dos interlocutores no processo e após a estréia, em julho.

Em espaço que lembra arena circense, "Nonada" conta a história de Natimorto (interpretado por Vera Lamy), espécie de palhaço triste em busca de suas origens. No calvário por identidade, cruzará outros personagens, entre eles seu antípoda, Sr. Leal (por Guto Togniazolo), proprietário do circo.

Para Iná Camargo Costa, a peça evidencia o conflito de classes. "É do confronto entre os dois, que atravessa todo o espetáculo, que se produz o ponto de vista da cena", afirma a professora aposentada de teoria literária da USP.

Nesse "mundo dos mortos", o dono do circo é figura colada ao narrador de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis.

Mas são também outros contos do próprio Machado (como "Pai Contra Mãe", inclusive visitado pela companhia em "Ango 1850", montagem de

2000), de Mário de Andrade (como "Túmulo, Túmulo, Túmulo") e de Clarice Lispector (como "A Bela e a Fera") — dramas pessoais ou familiares —, que sustentam a dramaturgia de Pedro Pires e Zernesto Pessoa, também co-diretores.

"Nos três autores, a questão da crise moral é apresentada sob o ponto de vista dos de cima, enquanto os criadores da Cia. do Feijão retomam isso totalmente sob o ângulo de Natimorto, que é o povo desprovido de direitos, que tem que se virar como pode", afirma Schwarz, crítico e professor aposentado de teoria literária da Unicamp.

Segundo José Antonio Pasta Jr., resulta no espelho de um país que se constitui sem propriamente se formar, ou que se faz se desmanchando.

"O país que sempre se modernizou pela reposição do atraso, impedindo o acesso da maioria a uma vida cidadã, constituiu essa entidade chamada 'povo brasileiro' ao mesmo tempo que a suprimia", afirma Pasta Jr., professor de literatura brasileira na USP e espectador entusiasta de grupos como Teatro de Narradores, Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, Teatro da Vertigem e Cia. do Latão.

Literatura

A Cia. do Feijão foi formada em 1998. É conhecida por tomar a literatura como principal meio de conhecimento da história do Brasil. Ou, no dizer de Pires, citando Schwarz, a literatura como espelho de nossas "idéias fora do lugar", do eterno descompasso de nossas "modernizações conservadoras".

Parte da pesquisa que gerou "Nonada" foi subsidiada pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

NONADA

Onde: Companhia do Feijão (r. Dr. Teodoro Baima, 68, tel. 3259-9086)
Quando: sex. e sáb., às 21h; dom., às 19h; até dezembro
Quanto: R\$ 20



O ator Guto Togniazolo em cena da peça da Cia. do Feijão dirigida por Pedro Pires e Zernesto Pessoa

Tomando o ângulo do Zê-Ninguém, o espetáculo recaptura de forma sintética um pedaço importante da literatura brasileira. Inventa uma maneira de representar tanto o Zê-Ninguém quanto o desconcerto moral da classe mais abonada

ROBERTO SCHWARZ,
crítico e professor aposentado de teoria literária da Unicamp

A Cia. do Feijão religa o fio das narrativas que brotam do limite entre a vida e a morte e leva a um curto-circuito de classes. Contrapõe à figuração da vida dos despossuídos uma análise ferina da esfera patronal, implicando uma coisa à outra, o paradigma do patrão Brás Cubas e, no outro pólo, o filho Natimorto da escrava fugida

Como figurar essas entidades metafísicas sem perder o seu fio terra, que é material e histórico? Quem observa o panorama do nosso teatro de grupo vê que muitos pesquisam nessa fronteira

JOSÉ ANTONIO PASTA JR.,
professor de literatura brasileira na USP

É essa a essência da nossa alma brasileira? São esses os nossos arquétipos formadores? Nossa memória coletiva é a do esquecimento e do eterno retorno do mesmo?

PEDRO PIRES,
co-autor e co-diretor da Cia. do Feijão

Teatro Em Cartaz:

Nonada invoca a trivialidade do sofrimento

Após cinco anos de atividades, Companhia do Feijão ganha uma sede e revela no novo espetáculo um momento de transição

CRÍTICA

MARIANGELA ALVES DE LIMA
ESPECIAL PARA O ESTADO

A Companhia do Feijão, depois de completar seu primeiro quinquênio de existência no panorama teatral brasileiro, tem agora sua sede. Ocupa um espaço teatral que é um desses milagres produzidos pela aliança entre a pobreza e a cultura teatral: uma sala com boa visibilidade da área de representação, ótima acústica e, no todo, com aquela aparência harmoniosa só obtida por meio da familiaridade com as artes visuais. Sediar-se, neste caso, é lançar âncora para pesquisar e produzir o trabalho, porque se trata de um grupo que, desde o seu primeiro trabalho, inclui na poética a necessidade da itinerância. Começou viajando pelo País, produziu em seguida espetáculos inspirados na observação direta dos recantos da cidade, circulou fazendo teatro de rua e continua reali-

zando um tipo de trabalho que pode deslocar-se a qualquer momento. Basta recolher a âncora e lá se vai o grupo para onde desejar e onde for desejado. Em cinco anos adquiriu prestígio e cativou espectadores.

No entanto, a casa própria, para quem acompanha o trabalho do grupo desde o início, sugere um momento de transição. Até agora o grupo, bem de acordo com a semente que lhe empresta o nome, observou, experimentou e focalizou os aspectos mais concretos da história e da vida social daquela parcela da população, a maior, para quem o feijão é o alimento salvador. No sentido figurado, a temática dos espetáculos foi também, até este momento, básica e substancial: todos os trabalhos exibiram como frontão estético a riqueza fabulatória dos pobres ou dos humilhados de todos os quadrantes investigados pelos artistas do conjunto.

Em *Nonada* o caso é outro. Há uma interiorização que veio junto, ao que parece, com o espaço físico onde se abriga o gru-

po. Em vez de olhar para fora com o intuito de observar, registrar e transpor para o palco as personagens e situações da classe trabalhadora e dos marginais, e recorrer ao patrimônio da literatura brasileira que com ela se solidariza, dramatiza-se em primeiro lugar o observador. Narradores como Mário de Andrade (sempre invocado pelo grupo como um nume tutelar) e Machado de Assis, capazes de a um só tempo representar o outro e representar-se com clareza na qualidade de testemunhas preconceituosas, são os móveis da ação dramática deste espetáculo. Cabe a esses narradores empurrar para a cena os fantasmas dessa convivência cheia de armadilhas – e algumas vezes de culpa – entre a classe dominante e a vasta multidão de “outros” de todo tipo: a criança, o negro, o velho, os subalternos por circunstância ou nascimento. São testemunhas parciais contando histórias, apresentando personagens e tentando, a um só tempo, lavar as mãos desse embrulho



ROBSON FERNANDES/AE
CENA – A vez do observador

social, eximir-se da responsabilidade pelo coletivo e salvar-se pelos momentos de empatia.

Perspectiva ambígua por escolha do grupo, a construção de personagens que querem e não querem, sabem e não sabem, estão meio vivas e meio mortas impõe ao espetáculo uma linguagem também crepuscular, bem diferente da nitidez dos espetáculos anteriores do grupo. Desta vez, apresen-

tam-se imagens indistintas no desenho e na caracterização de época ou lugar. Animam-se quando protagonizam a narrativa, ativadas pela luz e por uma convocação da personagem que é o condutor e mestre-de-cerimônias, mas guardam sempre um traço de irrealidade na voz, nos gestos e na aparência. Habitam, sugere o espetáculo, um território intermediário onde estão imóveis, mas não em repouso. Imobilidades retorcidas, desconfortáveis ou francamente agônicas desprendem-se de uma massa contorcida que reveste parte do cenário ou de zonas escuras e distantes da plateia e passam a atuar sem o auxílio da caracterização realista. Apenas uma das figuras – a velha senhora – apresenta a lisura das vítimas inconscientes. Todas as outras personagens são manifestações pontuais de atrocidades banais, contínuas, exercidas por hábito e refletidas como pecadilhos na consciência dos narradores.

Encenação lunar, sombria e pouco dramática no sentido

usual – a percepção cínica contempla com a mesma indiferença os dois lados de qualquer moeda –, o trabalho de Pedro Pires e Zemesto Pessoa, dois diretores-dramaturgos do grupo, transforma em seqüências graves e às vezes bem pausadas as constatações amorais das personagens. É um cuidado necessário para que a linguagem se diferencie inteiramente do nihilismo das comédias de bulvar que podem ter sua graça mas têm outro propósito. Com a sua inovação melancólica quase desesperada, da trivialidade do sofrimento. *Nonada* indica, por enquanto, uma inclinação mais acentuada para Machado de Assis. Afinal, os brasileiros que, desde a infância, conhecem o moleque Prudêncio podem continuar pecando, mas não podem alegar inocência. ●

Serviço

● **Nonada. 90 min. Companhia do Feijão (50 lug.). R. Dr. Teodoro Baima 68, Vila Buarque, 3259-9086. 6.ª e sáb., 21 h; dom., 19 h. R\$ 20. Até 8/10**

Fernanda Haucke e Vera Lamy em cena: vida em um tempo suspenso

BRAVO!

SETEMBRO 2006 - ANO 9 - R\$ 11,50 - www.bravonline.com.br

CRÍTICA

UM PAÍS DE SUJEITOS INCERTOS

NA NARRATIVA FRAGMENTADA DE "NONADA", CIA. DO FEIJÃO VOLTA A INVESTIGAR A IDENTIDADE BRASILEIRA SOB O RECORTE DA LITERATURA E DA HISTÓRIA POR KIL ABREU

Embora jovem, a Cia. Do Feijão vem criando trabalhos que estão entre os mais importantes na cena paulista dos últimos anos. Em espetáculos como *Antigo 1850* (2001) e *Mire Veja* (2003), a dupla de dramaturgos-encenadores Pedro Pires e Zernesto Pessoa busca revelar a complexidade da sociedade brasileira, mas sob um foco de interesse bem determinado: identificar as contradições do país a partir da subjetividade e do comportamento do indivíduo.

É essa a mesma proposta de *Nonada*. O neologismo de Guimarães Rosa é inspiração que se toma livremente, como significado das relações precárias que marcam nossas relações sociais. Novamente urdida por referências vindas do conto e do romance brasileiros, a peça tem suas portas abertas por um "morto-vivo", à maneira de um Brás Cubas, que convida a platéia a viver um tempo suspenso e em um lugar alegórico, também de morte, de onde se podem observar as criaturas que vêm à cena.

Mas o percurso desses personagens resuscitados (de Mário de Andrade, Clarice Lispector e do próprio Machado) é bem mais desconcertante do que se poderia supor. Não se trata de inventar uma nova fábula a partir de-

les, mas de tomá-los nas suas feições fantasmáticas: aparições que vão e vêm e que acabam por construir uma narrativa fragmentada, em que valem mais as microsituações por que passam do que um enredo linear e contínuo.

CULTURA DO COMPADRIO

Nessa arqueologia de sujeitos incertos – uma velha que perambula, morando de favor de casa em casa; um liberal que não abre mão de seu criado; uma dondoca surpreendida por um mendigo – o espetáculo vai aos poucos puxar os fios de seu tema subliminar: o de um lugar sem nenhuma saída, onde se representa a repetição *ad infinitum* das experiências históricas.

Os diretores explicitam essas recorrências desenhando circularmente a ação e fazendo repercutir seus sentidos: as maneiras amigáveis de mando e submissão na sociedade brasileira, enraizadas na cultura autoritária do compadrio. Nessa caracterização, o elenco cumpre a difícil tarefa de manter vivo o interesse da platéia em torno de uma narrativa descontínua, sem perder o chão necessário à unidade de linguagem.

Certamente não há em *Nonada* a mesma variedade das ótimas soluções cênicas que

também equilibravam a forma "aos pedaços" de *Mire Veja*. Mas, ainda que o espetáculo atual conforme-se a um movimento menos variado, há o ganho de uma concentração do olhar. Um olhar necessário para perceber as imagens de uma memória do luto, por um país que só se reconhece no erro. Quando muito na renovação das mesmas falhas, travestidas de esperança oca, sem projeto de mudança verdadeira. ■

A PEÇA

Nonada, direção e dramaturgia de Pedro Pires e Zernesto Pessoa. Com Eric Nowinski, Fernanda Haucke, entre outros. Cia. Do Feijão (rua Dr. Teodoro Baima, 68, Vila Buarque, SP, tel. 0++/11/3259-9086). 6ª e sáb., às 21h; dom., às 19h. Até 8/10. R\$ 10 e R\$ 20.

VEJA TAMBÉM

A Pedra do Reino, peça de Antunes Filho baseada na obra de Ariano Suassuna. Sesc Anchieta (rua Doutor Vila Nova, 245, Consolação, SP, tel. 0++/11/3234-3000). 6ª e sáb., às 21h; dom., às 19h. Até dezembro. R\$ 20.